

BÍBLIA DEUS CAMINHANDO COM A GENTE

SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

APROFUNDAMENTO I

AS LEIS SOCIAIS DO MOVIMENTO CRISTÃO

Pai, santificado seja teu nome; venha teu Reino; o pão nosso cotidiano dá-nos a cada dia; perdoa-nos os nossos pecados, pois nós também perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixes cair na tentação (Lc 11,2-4).

“Perdoamos aos nossos devedores”, aconselha o Pai-nosso de Jesus de Nazaré, que está no Evangelho, composto durante a década de 40 d.C., na região ao redor do lago de Genesaré ou Galileia. O cenário da Galileia era de endividamento, doença e escravidão. Uma das causas de endividamento era o empréstimo com juros abusivos, sobretudo para o pagamento de impostos. Herodes Antipas (4 a.C. a 39 d.C.), tetrarca da Galileia, chegava a receber em torno de 200 talentos por ano, valor equivalente a 1.200.000 denários, referentes ao imposto da pesca.

Ao contrário da economia de ganho que produzia endividamento, a fala de Jesus de Nazaré propõe a economia da partilha e da solidariedade, seguindo as leis sociais do antigo Israel:

“Quando no seu meio houver um pobre, mesmo que seja um só de seus irmãos, numa só das portas de suas cidades, na terra que Javé, o seu Deus, dará a você, não endureça o coração, nem feche a mão para esse irmão pobre. Pelo contrário, abra a mão e empreste o que está faltando para ele, na medida em que o necessitar” (15,7-8).

“O ímpio pede emprestado e não devolve, mas o justo mostra bondade e faz doação” (Sl 37,21; cf. Ex 22,25; Sl 112,5; Dt 23,20; Rm 13,8; Mt 18,23-35).

Com a tradição do Antigo Testamento, Jesus, formado na tradição profética e sapiencial da aldeia de Nazaré, na Galileia, proclamava a solidariedade com os empobrecidos: “Perdoamos aos nossos devedores”. O reino de Deus pregado por Jesus é aquele no qual

o poder e a riqueza são repartidos de modo que não haja oprimidos e pobres.

Os seguidores de Jesus de Nazaré praticavam a mesma sensibilidade do mestre, baseada na solidariedade e na crítica contra o abuso e a injustiça no mundo do Império Romano.

a) Tribunal: “Ora, quando vocês têm processos desta vida para serem julgados, como é que tomam como juízes aqueles que a igreja não considera? Digo isso para que vocês se envergonhem. Será que não existe entre vocês alguém experiente, que consiga resolver uma questão entre irmãos? Ao contrário, um irmão é chamado ao tribunal contra seu próprio irmão, e isso diante de infiéis” (1Cor 6,4-6). No processo judicial do Império Romano, a posição social e o privilégio legal eram usados contra os inferiores. O suborno era comum, e os préstimos dos jurados não ficavam sem recompensa. Nesse mundo injusto, Paulo alertava e condenava o fato de cristãos recorrerem a tribunais civis para dirimir os conflitos dentro da comunidade, como ato de defraudar e abusar dos irmãos. As questões devem ser julgadas com o sentido cristão da caridade, no seio da própria comunidade (cf. Am 5,10-11; Rm 12,14-21).

b) Escravos: “Quem sabe ele [Onésimo] não tenha sido afastado de você [Filêmon] por um tempo, para que você o tivesse de volta para sempre. Não mais como escravo, e sim muito mais do que escravo, como irmão amado, especialmente por mim e tanto mais por você, segundo a carne e segundo o Senhor” (Fm 15-16). Cerca de dois terços da população das cidades greco-romanas eram escravos. Eles sofriam com a miséria, a fome e a insegurança, tinham média de vida de pouco mais de vinte anos, enquanto os ricos viviam



cerca de quarenta. Eram pessoas massacradas e engolidas pela sociedade escravagista. Paulo apelava ao patrão, Filêmon, que recebesse seu escravo Onésimo como irmão. Foi tanto um desafio quanto uma crítica à sociedade escravagista, na qual a lei romana previa penas severas para os escravos fugitivos. Segundo a lei cristã, todos são irmãos e têm os mesmos direitos e deveres em Jesus Cristo (cf. Jó 31,13; Gl 3,28).

- c) Pobres: “Escutem, meus queridos irmãos: não foi Deus quem escolheu os pobres de bens neste mundo para que fossem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam? No entanto, vocês desprezaram o pobre. Não são os ricos que oprimem vocês e os arrastam aos tribunais? Não são eles que blasfemam contra o Nome sublime que foi invocado sobre vocês? Se vocês, ao contrário, observarem a lei do reino, segundo está escrito: ‘Amem seu próximo como a si mesmos’, estão agindo bem” (Tg 2,5-8). A carta de Tiago descreve as graves injustiças sociais praticadas pelos ricos que se enriqueciam à custa de trabalhadores em sua busca desenfreada pelo lucro (Tg 5,6). Apresentando o Deus dos pobres, a carta condena a discriminação e a opressão praticadas pelos ricos contra os pobres e orienta os fiéis a praticarem a lei do reino: o amor ao próximo (cf. Is 61,1-2; 2Cor 8,9).
- d) Migrantes, forasteiros e estrangeiros: “De Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos que vivem espalhados, como estrangeiros (forasteiros), no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia. Vocês foram escolhidos pelo desígnio de Deus Pai, pela santificação do Espírito, para obedecerem a Je-

sus Cristo e serem aspergidos com seu sangue. Que a graça e a paz sejam concedidas a vocês em abundância” (1Pd 1,1-2). A primeira carta de Pedro, escrita na Ásia Menor, no final do século I, descreve o grande número de estrangeiros e forasteiros que eram forçados a sair de suas terras por causa de guerras e empobrecimento, causados por ambição e sede de poder e lucro (1Pd 2,11-12). Pelo batismo de Jesus Cristo, crucificado por causa da prática da justiça, os cristãos são chamados a viver como irmãos e irmãs, no amor ao próximo. Na comunidade cristã, não há lugar para divisões, preconceitos e separação. Ela deve acolher, em seu meio, os forasteiros e injustiçados de ontem e de hoje (cf. Is 58,6-7; Mt 25,35-36).

O aconselhamento e a prática do movimento cristão para as questões sociais remetem-nos ao mundo da sabedoria judaica, baseada na tradição profético-popular, que ensina como viver segundo a Palavra do Deus da vida, diante dos desafios da sociedade: violência, discriminação, exploração, corrupção, miséria, fome, morte etc.: “Não explore o fraco por ser fraco, nem oprima o pobre no tribunal” (Pr 22,22).

No caminho de Jesus de Nazaré, a opção de Deus pelos pobres aparece mais clara quando assumida conscientemente pelos cristãos que professam a fé em Jesus Cristo, o “Verbo encarnado”, que viveu amando e servindo ao próximo (1Jo 3,1-4,6): “Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o reino de Deus. Felizes vocês que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes vocês que agora choram, porque hão de sorrir” (Lc 6,20-21).





APROFUNDAMENTO II

O PODER VEM DE DEUS

Os redatores deuteronomistas exílicos e pós-exílicos fazem uma crítica direta contra a realeza de Israel:

Este é o direito do rei que vai reinar sobre vocês: tomará os filhos de vocês para cuidar dos carros de guerra e dos cavalos dele e marchar à frente do seu próprio carro de guerra. [...] Tomará os campos, as vinhas e os melhores olivais de vocês, para dá-los a seus próprios servos. Vai exigir a décima parte das plantações e vinhas de vocês para dá-la a seus altos oficiais e servos. Tomará os servos e servas de vocês, os melhores jovens e os jumentos de vocês, para que fiquem a serviço dele. E vai exigir a décima parte dos rebanhos de vocês, de modo que vocês mesmos serão transformados em servos dele (1Sm 8,11.14-17).

Eis em que consistia o direito do rei: tomar os filhos e as filhas; tomar a terra; tomar o tributo; tomar os servos e as servas etc. Esses direitos do rei, que já eram conhecidos nas cidades-estado da Síria e no império do Egito através dos arquivos, eram reflexos da longa experiência dos abusos da realeza de Israel, criticados pelos profetas.

“Eles odeiam aqueles que se defendem na porta e têm horror de quem fala a verdade. Porque esmagam o fraco, cobrando dele o imposto do trigo” (Am 5,10-11).

“Efraim, eu a vejo como outra Tiro, plantada em lugares verdejantes. Mas Efraim entregará seus filhos ao carrasco” (Os 9,13).

“Cobiçam campos, e os roubam; querem uma casa, e a tomam. Assim oprimem ao varão e à sua casa, ao homem e à sua herança” (Mq 2,2).

“No dia do sacrifício de Javé, pedirei contas aos oficiais e aos filhos do rei e a todos os que se vestem à moda estrangeira. Nesse dia, pedirei contas a todos os que saltam a soleira da porta e enchem de violência e trapaça a casa dos seus senhores” (Sf 1,8-9).

Apesar das constantes críticas e das exigências de uma política justa, apresentadas pelos profetas, os governantes se corrompiam, roubavam e cometiam crimes em busca de lucro e poder (Mq 3,9-12). Por causa da ambição pelo poder, os últimos reis de Judá, instigados pelo Egito, executaram uma política expan-

sionista e provocaram as duas invasões da Babilônia, a destruição e o fim da realeza.

A experiência negativa da realeza, sobretudo do abuso dos governantes, marca a literatura produzida no período do exílio, que aponta os limites da autoridade política. Para evitar que o governante se tornasse absoluto, ordenava-se: “Javé é o verdadeiro rei de Israel” (Sf 3,14-17); “A realeza se funda na eleição do rei pelo próprio Deus” (17,14-20); “A autoridade eleita por Deus governa com justiça, promovendo o direito na terra” (Is 42,1-9).

Apesar das diferenças de posição social e de teologia, os grupos pensantes do exílio estavam de acordo, em termos da função da autoridade: o poder vem de Deus; nenhum poder na terra é absoluto; o exercício do poder de uma autoridade deve estar a serviço de Deus e do seu povo.

Esse princípio, “O poder vem de Deus”, foi reavivado constantemente na história posterior do povo de Israel, sobretudo nos momentos de crise.

- a) “O espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, para proclamar o ano da graça de Javé” (Is 61,1-2). O poder vem do espírito do Senhor! O servo era escolhido por Javé para exercer o poder a serviço dos pobres e dos escravos, injustiçados pelas elites aliadas aos persas na exploração e na opressão (Is 58,1-12).
- b) “Eu, a Sabedoria, moro com a sagacidade, tenho o conhecimento e o discernimento. O temor a Javé é odiar o mal. Eu odeio o orgulho e a arrogância, o mau comportamento e a boca falsa. O conselho e o bom senso me pertencem; tenho a inteligência e a fortaleza. É através de mim que os reis governam e os príncipes decretam leis justas. É através de mim que os governantes governam e os nobres fazem decretos justos” (Pr 8,12-16). *É através de mim... há uma insistência em afirmar que o poder na terra vem da Sabedoria, o Espírito de Deus, que “odeia o mal”. Por isso, os governantes, no exercício do poder, devem administrar com justiça (Pr 16,12), evitando a prática do mal e da injustiça, sobretudo com os pobres (Pr 14,31).*





- c) “Um rei sem instrução destrói o seu povo, e uma cidade terá prosperidade com o bom senso dos chefes. O governo da terra está nas mãos do Senhor, e no momento oportuno ele faz aparecer o homem adequado. O sucesso de um homem está nas mãos do Senhor; é ele quem concede a glória à figura do escriba” (Eclo 10,3-5). *O governo da terra está nas mãos do Senhor...* O autor do Eclesiástico critica os governantes dos Selêucidas (Síria) e seus colaboradores judeus helenizados pela implantação forçada da cultura grega na Judeia, em busca da riqueza e do poder, no início do século II a.C.
- d) “Que o nome de Deus seja bendito, desde agora e para sempre, pois a ele pertencem a sabedoria e a força. Ele muda os tempos e estações, depõe e entroniza os reis, dá sabedoria aos sábios e conhecimento aos entendidos” (Dn 2,20-21). *Deus depõe e entroniza os reis...* A descrição alegórica do sonho de Nabucodonosor (Dn 2) apresenta uma crítica à política de perseguição e dominação promovida pelos generais selêucidas no século II a.C. Com a sabedoria e a força de Deus, a dominação imperial foi rechaçada, alimentando, no povo judeu, a expectativa de esperança.
- e) “O governo que vocês têm nas mãos foi-lhes dado pelo Senhor, e o domínio provém do Altíssimo. Ele examinará as obras que vocês praticam e sondará em vocês as intenções. Pois, embora sejam ministros do reino dele, vocês não julgaram corretamente, não observaram a Lei, e não agiram de acordo com a vontade de Deus” (Sb 6,3-4). *O domínio provém do Altíssimo...* O livro da Sabedoria, escrito em

Alexandria por volta do ano 30 a.C., faz um apelo aos governantes para o exercício justo do poder segundo a vontade de Deus, que “não fez a morte, nem se alegra com a destruição dos seres vivos. Ele tudo criou para que exista. O mundo dos mortos não reina sobre a terra. Porque a justiça é imortal” (Sb 1,13-15).

O Novo Testamento segue a tradição judaica do Antigo Testamento sobre a autoridade e o seu exercício do poder: o poder na terra vem de Deus; a função do governante é servir ao povo, sobretudo aos pobres, promovendo a justiça. A comunidade joanina, por exemplo, evidencia a função dos governantes: “Pois bem, se eu lavei os pés de vocês, eu que sou o Senhor e o Mestre, vocês também devem lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,14). O título de mestre está ligado aos fariseus, os líderes religiosos, e o de senhor, aos governantes de Roma. A comunidade critica os títulos de senhor e mestre como formas de manutenção da sociedade escravagista, confirmando: a autoridade no exercício do poder deve estar a serviço do povo.

Mesmo em uma democracia moderna, que elege seus mandatários, continua válido o princípio teológico bíblico: não se colocar no lugar de Deus, pretendendo ser absoluto: servir ao bem comum do povo com justiça; formar a sociedade sem exclusão e opressão. É tudo o que esperamos das autoridades, sobretudo no Brasil, que já soma 13,5 milhões de miseráveis que sobrevivem com 145 reais mensais e, dentre esses, 4,5 milhões de desalentados, pessoas que vivem sem esperança alguma. Os descartados, como afirma o papa Francisco.



Editora: Pia Sociedade de São Paulo (PAULINOS) - **Direção Editorial:** Pe. Sílvio Ribas, ssp - **Jornalista responsável:** Pe. Valdir José de Castro, ssp - **Coordenação Centro Bíblico Paulus:** Pe. Paulo Bazaglia, ssp - **Diagramação:** Dirlene Nobre
PAULUS EDITORA: paulus.com.br - Tel.: (11) 3789-4000 - WhatsApp: (11) 99974-1840 - **Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.**

